

UM TRIBUTO A CHICO FLOR

Wander Oliveira Melo.



Jair Luiz Ferreira, popularmente conhecido como “Chico Flor”, nasceu no dia 07/01/1927, na região da Formiga no município de Morrinhos, Estado de Goiás; filho de Luiz Ferreira de Castro e Leolina Faustina de Castro, estudou somente até o 2º ano primário, mas tinha uma grande inteligência e aprendia as coisas com muita facilidade.

Seu primeiro matrimônio foi com Isaura Umbelina Ferreira com a qual teve três filhos: Altamirando, Lindalva e Vander. Após o fim de seu primeiro casamento, Chico Flor conheceu Teresa Maria de Oliveira com quem passou a ter união estável e tiveram um casal de filhos: Lindamar Maria Ferreira e Lindomar Luiz Ferreira.

Chico Flor trabalhou por muitos anos como radiotécnico, consertando rádios e televisores, tanto na sua casa situada à Rua Goiás nº 255, centro, como na sua pequena oficina situada à Rua Barão do Rio Branco nº 908, centro. Sua oficina ficava entre o antigo Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais e o prédio onde funcionava o Bar Presidente, bem de frente com o antigo escritório da Celg. Nessa pequena oficina, no ano de 1959, Chico Flor, amante do rádio e visionário da comunicação colocou um pequeno transmissor com duas caixas de som bem na entrada, dando vida à “Pequena Rádio Miniatura”.

Nessa Rádio Miniatura, Chico Flor, tinha um programa de auditório onde apresentava várias duplas sertanejas da cidade e região tais como: Campinho (Sebastião Bento) & Palmeirinho, Dalmo & Delmo, Trio Mirim, Irmãos Monteiro, que na época gravaram LPs, em São Paulo dentre outras duplas. (BENTO, 2016, p. 133).

Segundo entrevista feita com o escritor José Afonso Barbosa no dia 22/06/2016, o mesmo narra que ele e seu irmão João Afonso Barbosa vinham da fazenda para cantar nesse programa e apresentavam-se como “Morais e Moraizinho”.

José Afonso Barbosa ainda conta que Chico Flor, era muito querido pela população da zona rural, pois através de seu programa na Rádio é que os moradores da roça ficavam sabendo de todos os fatos ocorridos na cidade. Além de animar os moradores da cidade e do campo com seu programa de auditório apresentando duplas sertanejas e músicas, também auxiliava as pessoas que, às vezes, estavam perdidas na cidade, ou que precisavam usar o Rádio para fazer algum anúncio ou convite.

Esse jeito inovador de apresentar os programas trazia para perto de si os ouvintes; que ficavam ao redor do rádio no horário de seu programa ou iam ao programa para assistir as apresentações dos cantores locais, ou iam para se apresentarem como cantores, como José Afonso e seu irmão. Chico Flor, ao dar oportunidade para os artistas da região, revelava muitos sucessos locais, como Reizinho e Reinaldo dos quais era grande amigo. Na figura abaixo, Chico Flor aparece ao Lado de Reizinho da dupla Reizinho e Reinaldo.



Figura 01: Chico Flor e Reizinho da dupla Reizinho e Reinaldo.
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Segundo Sebastião Bento descreve em seu livro *Tradições Morrinhenses*, Chico Flor foi compositor e experiente cantor, desde o início da década de 50. Formando a dupla Jair & Catarino, que cantava na sala de espera do cinema de Lucicílio Frauzino, Jair & Catarino, que cantava na sala de espera do cinema de Lucicílio Frauzino, na Rua Barão do Rio Branco em Morrinhos – Goiás, antes da fundação do Cine Hollywood e nos circos e parques de diversão da cidade. Mais tarde, formou a Dupla Chico Flor & Zé do Mato (Roque) e, por último, a dupla Chico Flor & Zé Garoa, conforme figuras abaixo. (BENTO, 2016, p. 132).



Figura 02: 2ª Dupla - Chico Flor e Zé do Mato
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo



Figura 03: 3ª Dupla - Chico Flor e Zé Garoa
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Dentre suas composições podemos destacar as seguintes músicas que fizeram e ainda faz muito sucesso:

Atenda meu Pedido

Cantores: Zé Mulato e Cassiano
Compositor: Chico Flor

Se eu soubesse que me deixaria
Eu não lhe queria pra viver chorando
Estou sofrendo noite e dia.
Não tenho alegria em você pensando
Sei que a paixão me mata
Nem por isso ingrata estou lhe implorando.
Você, tenha dó de mim
Não me deixe assim no triste desengano
Porque se me abandonar
Não vai ser feliz em me ver penando.

Amor, atenda meu pedido
Você não compadece
Porém se soubesse o que tenho sofrido
Amor teria dó de mim
Você me amaria não me deixaria sofrer assim

Amor, atenda meu pedido
Você não compadece
Porém se soubesse o que tenho sofrido
Amor teria dó de mim
Você me amaria não me deixaria sofrer assim

Fonte: Acervo Oletino Nunes

Morena Orgulhosa

Canção Rancheira (Chico Flor)

Olhes para mim querida
Recorde o passado e repare em meu rosto
Quanta tristeza estampada
Nas faces molhada de chorar desgosto
Vejo meus olhos cansados
Meu corpo marcado em larga cicatriz
Minha alma ferida meu peito magoado
Eu sofro calado o que o destino quis.

Você me abandonou
Molhei o meu lenço de enxugar meus prantos
Vendo você que partia
Minha dor sorria zombando-me tanto
Quando a velhice chegar
O tempo levar os encantos que tem
Todo seu orgulho e sua beleza
Eu tenho certeza e da terra também.

Quando um dia eu morrer
Em minha campa eu não quero flor
Quero gravado um letreiro
Naquele cruzeiro pra ler meu amor
Quando visitar-me um dia
Nesta campa fria vai chorar demais
Vai compreender que debaixo da terra
Depois que morrer todos somos iguais.

Fonte: Acervo Oletino Nunes.

Apaixonado

Tango (Chico Flor)

Entre soluço, dando suspiro doído,
Vem a seus pés implora o seu amor
Em alta noite ouvi meu triste gemido
Em sua janela procurei esquecer minha dor
Ao som profundo de um tangente violão
Em madrugada quando apaga a luz da lua
Apaixonado com seu retrato na mão
Em serenata amanheço pelas ruas.

Como lembrança que fere sempre meu peito
Trago comigo guardado seu retratinho
E no meu quarto repousado no meu leito
Lembro o passado confesso choro baixinho
Levante os olhos, por favor, veja em sua frente,
Aquela historia negra e triste dolorida
Que o nosso amor transformou tão derrepente
Num quadro negro que separou duas vidas.

Quando passar em minha campa abandonada
Reze uma prece aos menos por caridade
Esse que dorme na derradeira morada
Já deste mundo despediu faz uma eternidade
Todos que passe conheceu minha vida
Zombam de mim todos que por ali passa
Contam uma historia e mostra campa enegrecida
Em frente à campa só resta minha desgraça.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Triste Lamento

Canção Rancheira (Chico Flor)

Acorda, donzela,
Fuja do leito
Vem à janela ouvir do meu peito
Minha despedida
Na valsa que canto
Vem minha querida ouvir o meu planto

Na voz do meu pinho
Olhos raso d'água
Soluça baixinho minha grande magoa
Acorda que a lua
Beija a madrugada
Eu triste na rua
Canto esta toada.

Acorda, amor
Desperta já,
Vem por favor,
Me escuta.
Vem para ouvir
Os plantos meus
Eu vou partir
Adeus, adeus.

Fonte: Acervo Olentino Nunes.

Caminho ao Contrário

Cururu de: Chico Flor.

Já me contara que você não me esqueceu
Que em meu nome você clama por demais
Agora é tarde para o arrependimento
Porque mulher não te esqueço nunca mais
Você já foi mulher que teve nome
Quando vivia bem juntinho ao meu lado
Hoje faz parte das mundanas sem destino
Que vive presa no lamaçal do pecado.

Se hoje sofre porque você não soubeste
Jogando fora quem por lei te pertencia
Trocando sua vergonha e honestidade
Pelo pecado e a vida boêmia
Hoje tu pagas com juro sua falsidade
Esse destino você mesma quem o quis
Enquanto choras relembrando o seu passado
Vivo sorrindo e com outra eu sou feliz

Apague o nome jogue fora esta aliança
Por caridade nunca mais fale meu nome
Pois entre nós já morreu toda esperança
Em sua vida foste à vergonha de um homem
Se perguntarem por mim não diga nada
Que até hoje nunca soube o meu fadário
Tenho certeza nunca mais vivo ao seu lado
A nossa vida são dois caminhos ao contrário.

Fonte: Acervo Olientino Nunes

Foi Você

Canção Rancheira de: Chico Flor

Venha ver, ó mulher, venha ver
Venha ver, ó mulher, quem te chama
Venha ver para ver como é triste
Quem te adora caído na lama
Venha ouvir o mulher vem ouvir
Venha ouvir a voz de quem te ama

BIS – Que Hoje tem a vida arruinada
O caixão por morada e a tumba por cama

Venha ver, por favor,
Este pobre infeliz trovador
Venha ver seu amor
Vem ao menos sorrir da minha dor

Foi você que cruzou meu caminho
Foi você que feriu o meu peito
Foi você que destruiu minha vida
Foi você que me, pois deste jeito.
Hoje zomba por me ver na rua
Desprezado e sofrendo assim

BIS – Se hoje sofro e por sua maldade
Vem por caridade assistir o meu fim.

Fonte: Acervo Olientino Nunes

Comparando

Cururu de: Chico Flor

Mosca pequena é mosquito
Padre miúdo é padrinho
Não sendo feio é bonito
Cavalo pequeno é potrinho
Queima na boca é pito
Morada perto é vizinho
Bicho esperto é cabrito
Nariz de porco é focinho.

Saco de coro é peteca
Corda comprida é laço
Cabeça lisa é careca
Tempo escuro é mormaço
Moça assanhada é sapeca
Risco comprido é traço
Muita amargura é pileca
Cara pintada é palhaço.

Olho cambeta é virôto
Muito carinho é chamego
Não sendo direito é canhoto
Ave com dente é morcego
Todo menino é garoto
Forro de arreo é pelego
Toda mocinha é broto
Serviço certo é emprego.

Boca sem dente é banguela
Casca de pau é cavaco
Ponte de um pau é pinguela
Cava no chão é buraco
Vasilha de pau é gamela
Muito pedaço é caco
Chave de pobre é tramela
Fumo moído é tabaco.

Fonte: Acervo Olentino Nunes

Embora tivesse dom para a música e para a poesia, Jair Luiz Ferreira (Chico Flor) possuía um grande talento como locutor e uma paixão única pelo Rádio, que o motivava a querer crescer e expandir esse meio de comunicação; buscava interagir com outras emissoras de rádio, fato que o levou a registrar-se como sócio na “Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão”, tendo na sua carteira social a matrícula de nº 16.072 emitida em 1962, conforme podemos averiguar na figura abaixo.



Figura 04: Carteira Social – Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Conforme entrevista feita em 20/06/2016 com Rubens de Freitas (Radialista da Rádio Morrinhos), narrou que por volta de 1960 vieram para Morrinhos dois proprietários, de uma rede de emissoras de rádio em Tupaciguara/MG, os senhores Aledo e Fauze Abidulmassih, e deram início ao processo de instalação de uma rádio em Morrinhos, a qual começou a funcionar oficialmente no dia 22 de novembro de 1963, nascendo assim a Rádio Morrinhos que funcionou por muitos anos no último andar do pequeno Edifício José Chaul, à Rua Barão do Rio Branco nº 999, Centro.

Durante esse processo de instalação da Rádio Morrinhos, Chico Flor viu que não seria mais necessário manter funcionando sua Rádio Miniatura, visto que a mesma era de pequena potência. Então resolveu fechá-la e aceitar o convite para trabalhar como “Animador Sertanejo” na recente inaugurada Rádio Morrinhos, conforme podemos evidenciar abaixo na sua carteira de identificação de funcionário da Rádio Morrinhos.



Figura 05: Carteira de Identificação da Rádio Morrinhos.

Constando que Chico Flor exercia a função de “Animador Sertanejo” - 25/09/1964

Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

A Rádio Morrinhos por alguns anos pertenceu aos senhores Aledo e Fauze Abidulmassih, mas como tinham outras emissoras para administrar, foram perdendo o interesse por essa. Quando falaram em vendê-la, um grupo político da cidade interessou em comprá-la e formou uma espécie de consórcio comprando assim a emissora. Nessa época, Valterli José que havia vindo de Tupaciguara para trabalhar na rádio comprou algumas ações; logo em seguida, José de Freitas, também vindo de Tupaciguara para trabalhar na rádio resolveu aplicar seu dinheiro em suas ações e, aos poucos, ambos foram comprando as ações, quando atingiram 51% passaram a administrar a emissora de rádio.

Na emissora da Rádio Morrinhos AM, Chico Flor teve dois programas: o seu apreciadíssimo “Moquiço do Chico”, no horário das quinze horas, que teve a maior audiência daquela Emissora, no seu tempo. E, de manhã, havia o seu programa “Sertão em sua Casa”; mas a maior audiência era a do Moquiço. Disso, resultou o seu grande sucesso com a população da cidade e do campo. (BENTO, 2016, p. 132 – 133).

A simplicidade dos programas de linguagem acessível se demonstrava nas frases e bordões utilizados pelos locutores. Chico Flor, notadamente reconhecido como um dos mais famosos locutores da Rádio Morrinhos utilizava-se de falas como: “*Dona Sebastiana, sábado que vem estarei em sua casa apreciando aquela mandioca cozida que só a senhora sabe preparar*”. Um jeito simples de comunicar, mas que tinha um grande efeito positivo junto ao

público, pelo fato deste se sentir reconhecido. Estes traços correspondiam a características das rádios AM nos anos 70 e 80. (CORREIA, 2008, pág. 25)

Através de uma linguagem simples e caipira, usando seu dom de criar versos e poesias, Chico Flor fazia a abertura do seu programa “Moquiço do Chico” recitando os seguintes versos:

“Caboclo velho do mato, preto, branco, mulato, desbravador do sertão, aceite nesta sextilha pra você e sua família, todo meu coração. Ouvintes daqui, dali e de acolá, de perto, de longe, de qualquer lugar, pobre, rico ou doutor, vai mais uma vez o sincero boa tarde amigo do Chico Flor. Boa tarde Morrinhos, boa tarde Município e boa tarde caboclo”.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

“Eu queria ser poeta para descrever tanta beleza ou então compositor para falar da natureza, do verde das matas, dos rios que correm lento, o cantar da passarada e sentir de leve o vento. Boa tarde, Morrinhos terra de encantos mil, boa tarde Goiás querido, boa tarde gigante Brasil”.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Em um de seus programas Chico Flor recita, a pedido de alguns amigos, o poema “*Mãos Calejadas*”, escrito por ele e seu amigo Gueomar conforme esboçado abaixo.

De Chico Flor e Gueomar, os Poetas Caboclos.

Poema: **Mãos Calejadas**

Com a licença, caros doutores,
Os ilustres cidadãos
Aos homens de posição
Os amigos da cidade
Somos modestos poetas que tem no coração
A imagem do sertão, o emblema da humildade.
Não basta ser diplomado, ter anel de formatura,
Para falar das criaturas do ranchinho beira chão.
Deve apenas meditar, medir bem o valor,
Dos homens trabalhadores do caboclo do sertão.
Basta apertar suas mãos, mãos grossas e calejadas,
Pelo cabo da enxada, lutaram o dia inteiro,
Essas mãos fortes e valentes que muito já foi ferida
Deixando pro resto da vida, a marca do desespero,
Essas mãos grossas e feridas de fio aguçado
Tem tanto sinal marcado, cada um tem sua história,
Uns foi golpe de machado outros foi de facão
Deixando recordação que não sai mais da memória
Essas mãos mais que valente, da pele feia e trincada,
Só sabe pegar na enxada ou cabo de picareta
Essas mãos que treme tanto,
Quando esse pobre homem,
Para assinar o seu nome ele pega numa caneta

Do embaraço do caboclo muito ri de peito aberto
Mas não vai olhar de perto essas mãos tão calejadas
As mãos que não teve tempo senhores de frequentar uma escola
Mas sente na pele escola no duro cabo da enxada
Essas mãos caros senhores e dura lenta e pesada
É uma mão mal tratada não sabe mesmo escrever
O roçado não da tempo, o aceiro o mutirão,
Precisa ajudar seu irmão ou é o mato a vencer
Essas mãos que tantas vezes já ficou desfigurada
De tanto tomar ferroadas de maribondos bravinhos
Já vive sempre a tremer essas mãos velhas e cansadas
De unhas todas encurvadas de dedos duros e esguio
Até cobra venenosa essa mão tem carregado
Nos fechos de arroz cortado ou nas bandeiras de feijão
Até mesmo cascavel essa mão valente e forte
Assim se enfrenta a morte, essa poderosa mão.
Para que tanta aventura eu lhe pergunto senhores
Esses irmãos trabalhadores enfrentam a parada dura
Para sustentar a nação, para abastecer os mercado,
Eles enfrentam o pesado para que todos tem fartura
Esses moveis tão bonitos com caprichos envernizados
Já passou pelado machado por essa mão calejada
Até as pedras e tijolos e todos os materiais
De prédio, escolas e hospitais por essa mão foi passada,
Tudo que há na cidade por demais adiantada
Foi essas mãos calejadas que a outras mãos entregou
Essas mãos forte e amiga nunca tem o que merece
Muitos dela até esquece o que sempre se passou
Doença, golpe e perigo essa mão tem enfrentado,
E muito pouco tem ganhado da nossa civilização
São essas mãos que merece em pedra ser esculpida
Em praça publica erguida monumento a essa mão.
Não é exagero senhores é uma simples homenagem
A esses homens de coragem, a essa mão calejada,
Muito mais elas merecem eu que nada posso dar
Quero ao menos divulgar essa mão velha e cansada
Se toda gente tivesse essa minha opinião
Devia apertar a mão do sertanejo cansado
Tirai tempo a meditar
O amigo da cidade vê como eu digo a verdade
Ilustre homem educado, essa nossa razão,
Vou deixar bem declarado,
Nesses versos preparados aos amigos do trabalho.
Chico Flor e Gueomar duas mãos bem combinada
Aperta a mão calejada do caboclo molhado de orvalho.

Fonte: Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.

Buscando construir uma linha cronológica dos fatos marcantes da vida de Chico Flor, novamente tomo emprestado as palavras de Sebastião Bento e faço mais duas citações, para enriquecer esse tributo à memória de Jair Luiz Ferreira (Chico Flor).

Chico Flor recebia muitos presentes dos ouvintes, principalmente produtos caseiros, frangos, leitões e galinhas. Muitos comerciantes preferiam que a propaganda dos seus estabelecimentos fosse divulgada no programa do CHICO FLOR. (BENTO, 2016, p. 135).

Certa vez, foi operado e teve suas pernas engessadas, tornando impossível a sua saída de casa para ir à rádio, por alguns meses. Como era imprescindível que ele comandasse os seus programas, a direção da emissora mandou instalar, telefone em sua casa e com outros aparelhos de som, durante bom tempo ele apresentou os dois programas deitado em seu quarto. (BENTO, 2016, p. 135).

Pesquisando sua trajetória no Rádio encontramos sua filiação no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Publicidade no Estado de Goiás, conforme figura abaixo. Como pode notar-se, desde a Rádio Miniatura, Chico Flor gostava de participar de grupos de pessoas ligadas à comunicação.



Figura 06: Carteira de Registro no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Publicidade no Estado de Goiás – 14/07/1976
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Além dos dois programas que tinha na emissora da Rádio Morrinhos, Jair Luiz Ferreira “Chico Flor” trabalhava também como corretor de imóveis, tendo Registro no Conselho dos Corretores de Imóveis do Estado de Goiás com a matrícula de nº 1.625, sendo seu registro expedido em 23/05/1978, conforme foto abaixo.



Figura 07: Carteira de Registro no Conselho Regional dos Corretores de Imóveis
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

No final da entrevista, Teresa Maria de Oliveira relata que Chico Flor trabalhou de 1963 a 1988 na emissora da Rádio Morrinhos, ou seja, dedicou 25 anos da sua vida como animador sertanejo como já mencionado anteriormente e, só parou de trabalhar devido a problemas de saúde. Mesmo indo buscar tratamento médico mais avançado em Brasília – DF, Chico Flor não obteve êxito e, veio a falecer no dia 21/03/1988 às 10h50min no Hospital Geral e Ortopédico de Brasília, tendo como causa da morte segundo atestado de óbito: Insuficiência respiratória, Pneumonia, Paralisia Bulbar Progressiva. Seu corpo foi transladado para Morrinhos, o velório ocorreu na sua residência no setor São Francisco de Assis e seu corpo sepultado no cemitério São Miguel.

Após sua morte Jair Luiz Ferreira (Chico Flor) foi homenageado de várias formas.

A Emissora da Rádio Morrinhos fez questão de colocar seu nome no Estúdio da Rádio Morrinhos AM, como forma de lembrar sempre do pioneiro da comunicação em Morrinhos, conforme figura abaixo.



Figura 08: Estúdio Chico Flor
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

Da mesma forma, Sebastião Bento relata em seu livro *“Tradições Morrinhenses – Ensaio literário de cultura tradicional”*, todos os violeiros de Morrinhos sonhavam em criar uma Orquestra de Violeiros, havendo várias tentativas neste sentido, sem lograr êxito, inclusive pelo próprio Chico Flor na década de 50 e por Olentino Nunes, alguns anos depois, que chegou a fazer apresentações em público, mas não conseguiu se firmar. No ano de 2009 a tão sonhada Orquestra foi finalmente criada recebendo o nome de Orquestra de Violeiros “Chico Flor”. Abaixo temos a foto do grupo de violeiros que compõe a orquestra. (BENTO, 2016, p. 137 – 138).



Figura 09: Orquestra de Violeiros Chico Flor
Fonte: Acervo Wander Oliveira Melo

A Prefeitura de Municipal de Morrinhos rendeu suas homenagens a "JAIR LUIZ FERREIRA" dando nome ao Viveiro Municipal, de "*Viveiro Chico Flor*".

E, no ano de 2016, a Academia Morrinhense de Letras para adequar-se ao formato das Academias de Letras do Brasil que seguem o modelo da Academia Francesa, com o número de 40 cadeiras, amplia o seu quadro, criando mais 15 cadeiras. No dia 30 de junho do mesmo ano, em sua sede própria, os acadêmicos sugeriram alguns nomes para serem patronos dessas 15 novas cadeiras. Eu, como um dos acadêmicos presentes, sugeri o nome do Chico Flor para ser um dos patronos, elucidando suas belas poesias e composições. Após a apreciação do nome, todos votaram e aprovaram registrando-se em ata que a Cadeira de número 26 teria como Patrono Jair Luiz Ferreira (Chico Flor). Desta forma, nossa Arcádia prestou justa homenagem ao pioneiro da comunicação em Morrinhos.

Fontes Orais:

OLIVEIRA, Teresa Maria de. Entrevista Concedida no dia 02/06/2016.

FREITAS, Rubens. Entrevista Concedida no dia 20/06/2016.

BARBOSA, José Afonso. Entrevista Concedida no dia 22/06/2016.

Fontes Bibliográficas:

A História da Rádio Morrinhos, Juca Ribeiro Correia. Morrinhos, 2008.

Tradições Morrinhenses: ensaio literário de cultura tradicional, Sebastião Bento. Goiânia: Kelps, 2016.

Acervo Olentino Nunes.

Acervo Hugo Frauzino Pereira Junior.